

429

**Antonio Candido 100 anos,
organização de Maria Augusta
da Fonseca e Roberto Schwarz**

Carolina Serra Azul

DOI 10.11606/ISSN.2447-8997.TERESA.2020.158498

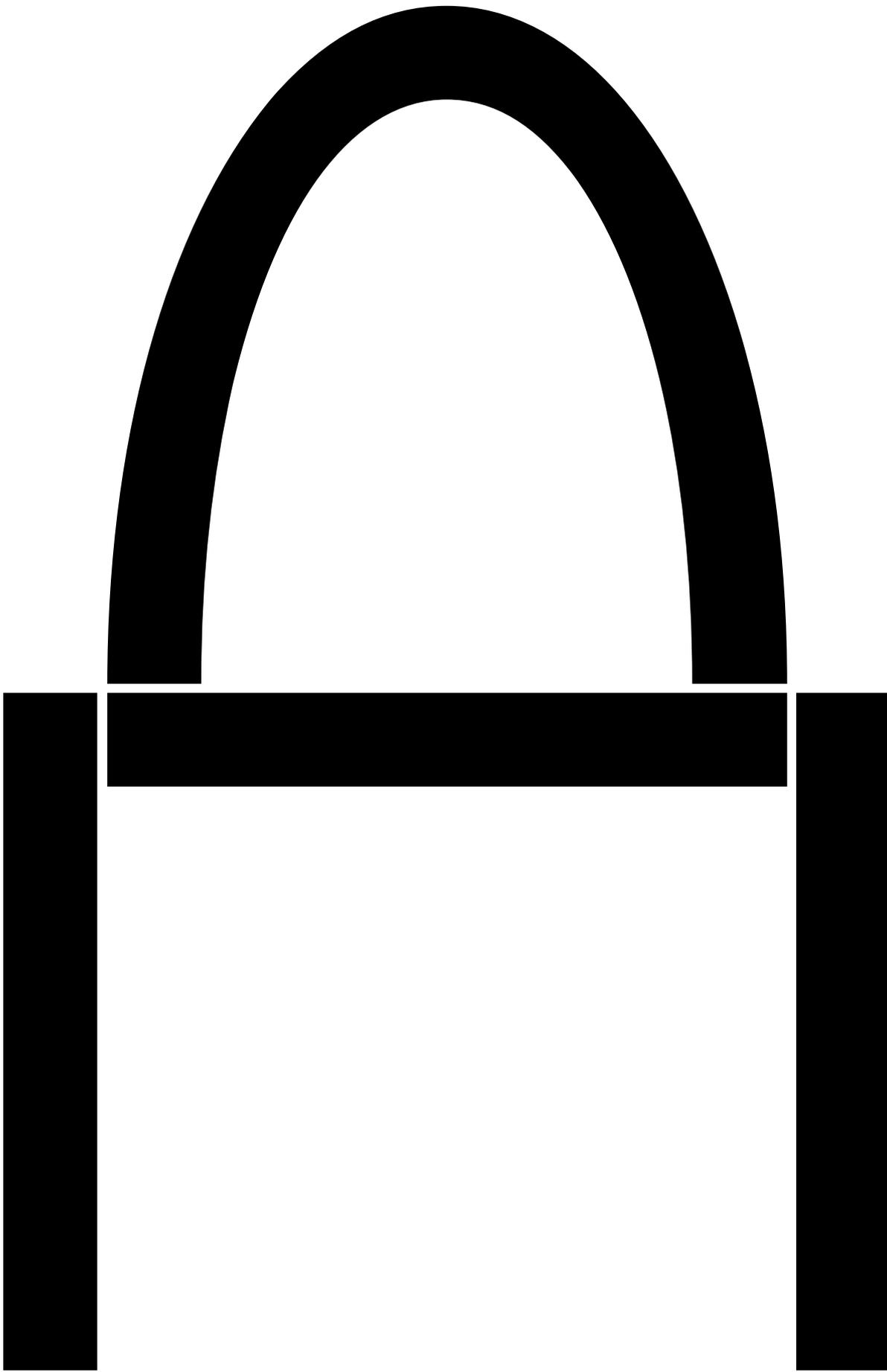
Militância e docência

MARIA AUGUSTA FONSECA
E ROBERTO SCHWARZ
(organização).

Antonio Candido 100 anos.

Editora 34, 2018.

Carolina
Serra Azul



tualmente, as universidades públicas brasileiras estão na mira de um discurso autoritário e obscurantista, que parece repelir tudo o que gravita em torno da noção de *pensamento crítico*. Para além do discurso, medidas práticas estão sendo tomadas a toque de caixa, como os recentes cortes – ou contingenciamento, para usar o termo dos que estão no poder – na educação.

Quando Antonio Candido faleceu, em 2017, a conjuntura do país já não era das melhores. Como um acaso objetivo, sua partida parecia assinalar algo como o fim de um momento histórico do país, ou, nas palavras de Roberto Schwarz, “a morte dele foi algo como a gota d’água que fez entornar o copo, no caso um copo de insatisfação política”. Desse modo, a publicação recente do volume *Antonio Candido 100 anos*, organizado por Maria Augusta Fonseca e Roberto Schwarz, além de marcar o centenário do nascimento de um dos nossos maiores críticos literários, acaba por cristalizar algo que *deve ficar*, algo que devemos *levar adiante*.

O livro, que conta com textos de 37 intelectuais de diferentes gerações, localidades do país e do mundo, é dividido em nove partes. Algumas delas mobilizam diretamente elementos presentes na obra e na vida pública de Candido que correspondem a noções fragilizadas na atual conjuntura, como a de radicalismo, o olhar fraterno para a América Hispânica e África, a articulação fundamental entre cultura e política e o próprio exercício crítico, plasmado não apenas em seus textos acadêmicos, mas na prática docente. A divisão em partes, é claro, tem função organizativa, e os textos do volume vão mostrando como as instâncias estão articuladas.

Entre tantas, a articulação entre o professor e o crítico salta aos olhos. A trajetória de Antonio Candido evidencia que o dia a dia da sala de aula é inseparável da formulação teórica. Desse modo,

não é difícil compreender por que os textos de José Miguel Wisnik e de Paulo Arantes dão destaque para uma operação aparentemente simples no âmbito da teoria literária, a da paráfrase. Os autores mostram como uma elementar “glosa do texto” literário, estimulada por Candido entre seus alunos, pode preparar o terreno para a interpretação, para a elucidação do sentido de uma obra. Arantes chama a atenção para a ousadia do crítico ao parafrasear a prosa de Kafka e para sua vocação literária na paráfrase iluminadora do romance *O deserto dos tártaros*, a partir da qual conclui nada menos que “o sentido da vida de cada um está na capacidade de resistir, de enfrentar o destino sem pensar no testemunho dos outros nem no cenário dos atos, mas no modo de ser; a morte desvenda a natureza do ser e justifica a vida”. Outra atitude pedagógica que convida ao entrelaçamento profícuo entre pensamento e vida é lembrada por Wisnik: em um curso sobre *As flores do mal*, de Baudelaire, Candido pedia que os alunos carregassem sempre o livro junto ao corpo, para que saturassem seus subconscientes com os poemas.

Ainda nesse sentido, é revelador o texto de lumna Maria Simon, que aborda o clássico manual de análise de poemas *Na sala de aula*. Simon assinala de que modo o livro, utilizado “do ensino médio à pós-graduação”, logra unir qualidade teórica e “felicidade pedagógica”, para usar um certo termo da autora, que demonstra por meio de uma detida análise o alcance desse “livrinho”.

O volume conta com um texto inédito do próprio Antonio Candido, de 2016, “Como e porque sou crítico”, em que o nexos entre a docência e a crítica é por ele descrito. Sem esquecer do papel familiar e de sua infância na constituição de seu ímpeto crítico e mobilizando certo humor que lhe é característico – Candido lembra da revista mensal que costumava ler desde menino, intitulada *Eu sei tudo* –, o autor caracteriza o seu trabalho como uma “crítica falada”, forjada no trabalho de professor. Afirma que foi a atividade docente em literatura, iniciada em 1958, que lhe permitiu flexibilizar seu ponto de vista teórico, privilegiando os sentidos emergidos dos textos de natureza variada que precisava abordar. Na sala de aula formula, então, uma “crítica de vertentes”, expressão inspirada pela chuva, que corre conforme a inclinação do terreno e dos telhados”. Em tempos em que se estimula a vigilância à atividade do professor, a postura de Candido, que convida à liberdade de reflexão e à possibilidade de crescer junto aos alunos, é inspiradora.

No mesmo texto, o crítico e professor assinala ainda que a docência foi essencial para a elaboração de *Formação da literatura brasileira*, um dos estudos fundamentais para a compreensão de nossas letras. A influência dessa obra incontornável não se limita ao Brasil, como mostra o texto de Rita Chaves, pesquisadora de literaturas africanas de língua portuguesa. A autora nota que o instrumental crítico desenvolvido por Antonio Candido para pensar a dinâmica brasileira pode ser mobilizado pela reflexão

que aborda as literaturas do continente africano, também relacionadas a contextos de violência colonial. Nesse sentido, Chaves nota que conceitos como os de “literatura empenhada” e “literatura como sistema” são válidos, desde que verificadas as devidas diferenças continentais, para abordar as expressões literárias de países como Angola, onde a influência da literatura brasileira também se faz notar.

É claro que as atividades de Antonio Candido como militante político não deixaram de ser abordadas ao longo do volume. Como as reflexões sobre literatura e sociedade constituem o centro das preocupações de nosso crítico, a militância antifascista, antistalinista e 90% marxista “em momentos de ditadura” de Candido são ressaltadas em sua consonância com a atividade meditativa e crítica, a começar pela fundamental concepção da literatura como um *direito humano*. Talvez seja essa a formulação mais recuperada pelos autores ao longo de *Antonio Candido 100 anos*, índice de seu caráter complexo e atual, quando até mesmo os direitos humanos são reivindicados apenas para “humanos direitos”, segundo uma ótica que retira a humanidade do outro de classe.

Uma postura radical do crítico, cujo pensamento é em tudo oposto ao autoritarismo, é identificada no texto de Ana Paula Pacheco. Recuperando a análise de *O cortiço*, cuja primeira versão é elaborada por Antonio Candido em 1973, Pacheco mostra como o autor identifica por meio da análise literária nada menos que a “violência social no desenvolvimento

econômico”; isto é, a autora assinala como Candido baliza a noção de progresso justamente no momento do milagre econômico de Médiçi, descobrindo a partir do romance de Aluísio Azevedo uma dinâmica brasileira, em que a acumulação primitiva configura-se “como forma originária, e não superada, de produção de riqueza”.

A radicalidade do crítico, que se coloca nos momentos mais difíceis do país, tem suas raízes ao rés do chão, no convívio humano diário e afetivo. É o que mostra o texto de Vilma Arêas, que, aliás, pode também ser exemplo modelar da potência (re)configuradora da paráfrase. Abordando as várias versões dos escritos de Candido sobre Teresina, uma convicta antifascista italiana que Antonio Candido conhece na mocidade em Poços de Caldas e com quem nutre uma firme amizade, a autora acompanha parte significativa da formação do “sentido de igualdade e respeito pelo próximo” de nosso crítico que, segundo ele próprio, os aprendeu com Teresina. Como nos mostra Arêas, Candido também identifica na italiana um “modo de ser” revolucionário, plasmado não exatamente na militância partidária ou na pesquisa teórica, mas sobretudo nas relações diárias com pessoas de origens sociais diversas. Trata-se da exposição, que parte da rememoração da amizade entre Arêas e Candido, de um aprendizado socialista nascido da interação fraterna entre um jovem culto do interior do país e uma imigrante italiana que encerrava em sua figura “dois séculos de pensamento libertador”.

No fim das contas, *Antonio Candido 100 anos* nos entrega a trajetória de uma vida que logrou integrar instâncias que a realidade muitas vezes separa: militância, docência, teoria científica, cotidiano, literatura, amizade. A parte das “Dedicatórias”, ainda, mostra que nosso professor foi capaz também de trabalhar ao lado dos autores sobre quem refletia: na de Graciliano Ramos em *Caetés*, o escritor escreve para o então jovem crítico: “A culpa não é apenas minha: é também sua. Se não existisse aquele seu rodapé, talvez não se reeditasse isto”.

CAROLINA SERRA AZUL é pesquisadora e professora de literatura. É mestre em Teoria Literária pela FFLCH-USP, com dissertação sobre as relações entre Guimarães Rosa e o primeiro modernismo brasileiro. Atualmente, é doutoranda na mesma instituição, onde pesquisa os nexos entre literatura e cinema na década de 1970.